

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
A CINEMATECA COM O QUEER LISBOA
RESGATAR FUTUROS: O CINEMA QUEER VÊ-SE AO ESPELHO
22 de setembro de 2026

SHINJUKU BOYS / 1995
(*“Os Rapazes de Shinjuku”*)

Um filme de Kim Longinotto, Jano Williams

Realização: Kim Longinotto, Jano Williams / Produção: Kim Longinotto, Jano Williams / Produção Executiva: Alan Bookbinder / Música: Nigel Hawks / Direção de Fotografia: Kim Longinotto / Montagem: John Mister / Direção de Produção: Noriko Takehara / Som: Simmy Claire, Rosie Staker / Assistência de Montagem: Lizzie Lemon, Moby Longinotto / Narração: Shuko Noguchi / Participações: Gaish, Tatsu, Kazuki, Shuko Noguchi, Abe, Kumi / Cópia: DCP, a cores, falado em japonês com legendas em inglês e legendagem eletrônica em português / Duração: 54 minutos / Estreia Mundial: 7 de dezembro de 1995, IDFA Festival, Países Baixos / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira passagem na Cinemateca.

Aviso: alertamos para a fraca qualidade da imagem desta cópia que, não comprometendo a fruição da obra, fica aquém do que é desejável.

Ele é ela, ela é ele e há quem se diga “entre” ela e ele. No Japão são conhecidos como “onnabe”, mulheres japonesas vivendo como homens, mas o documentário da dupla Kim Longinotto e Jano Williams vai revelando a complexidade e a particularidade de cada caso. Essa é a principal força deste documentário: o facto de, graças à franqueza apresentada pelos retratados e ao cuidado de quem os escuta, dar a perceber que os seus protagonistas são, acima de tudo, pessoas como cada um de nós. São assim e assim se acham: inteiras, ainda que, por vezes, se possam sentir apenas compreendidas e amadas por outros como eles. Como avança a namorada de um dos “boys”, não se trata de gostar “apesar de” (no caso, de não ter o órgão sexual masculino), porque a pessoa em questão é definida também por essa falta, quer dizer, é esta pessoa e a(s) sua(s) falta(s) que preenchem esta história de amor percebida e vivida como perfeitamente *completa*.

Shinjuku Boys é um documentário filmado em modo *vérité* alternando entre um olhar “mosca-na-parede”, nomeadamente no bar onde os “onnabe” servem de companhia a clientes do sexo feminino, e *talking heads* gravadas de maneira direta, franca e, por vezes, poderosamente intimista no reduto doméstico. Certos “boys” aqui confidenciam para a câmara aspetos da sua vida que nunca partilharam com ninguém, nem tão-pouco com familiares ou mesmo com namoradas ou namorados. O cinema instaura este espaço de auscultação e nós acompanhamos a evolução deste encontro dos retratados consigo mesmos – como se o próprio filme lhes permitisse tomar o pulso à sua existência. Talvez o momento mais relevante a este nível seja o da chamada telefónica envolvendo um “onnabe” e sua mãe. Não se falam há anos e a conversa permitirá desbloquear esta relação que parecia estar “ferida de morte”. A mãe diz qualquer coisa como: “Se te sentes feliz assim...” As reticências ainda estão lá, percebe-se, mas o significado deste avanço na sua relação pode ser atestado logo a seguir, quando o rapaz pousa o telefone e sorri para a câmara. Da conversa nasce um instante decisivo de cinema *vérité* verdadeiramente comovente. Apesar das dificuldades por que passam na relação com a sociedade em geral e com as suas famílias em

particular, estes “Shinjuku boys” precisam do mesmo carinho que qualquer outra pessoa reclama dos seus mais próximos.

É importante ver e ler este filme como etapa de um discurso e de um percurso maior; de uma viagem que as realizadoras britânicas fazem ao Japão, imergindo na subcultura *queer* com o intuito de documentarem algumas das suas mais singulares manifestações. **Shinjuku Boys**, retratando o tal bar dedicado ao *crossdressing* ou *gender-bending*, vem na sequência de uma companhia de teatro em que todos os papéis, inclusive os masculinos, eram interpretados por mulheres, dada a conhecer em **Dream Girls** (1994), e antecede o maravilhoso **Gaea Girls** (2000), sobre o exigentíssimo campo de treino que permitirá às participantes a entrada no excitante mundo do *wrestling* feminino.

Uma das mais estimulantes observadoras da condição feminina no mundo, Kim Longinotto conta com uma vasta carreira como documentarista tentando dar voz a mulheres colocadas à margem do sistema, muitas vezes, pelo simples facto de serem mulheres, outra vez, como é o caso aqui, por se sentirem “algo entre”. Na entrevista que me concedeu em 2013 para o *website À pala de Walsh*, confidenciou-me: “Sou atraída sempre pelos rebeldes, pelos pioneiros. Eu admiro-os. Eles elevam-se contra a tradição com enorme coragem. É muitas vezes doloroso para eles serem *outsiders* na sua própria comunidade, muitas vezes sentem-se sozinhos e assustados.” O que coloca estes “boys” fora da sociedade japonesa, com exceção do clube onde trabalham, onde são, de facto, aceites e até venerados? É o facto de dizerem candidamente algo tão simples e, afinal, tão radical quanto isto: não sou nem uma coisa, nem outra, sou, enfim, eu mesmo.

Luís Mendonça